

Visão

28/5/1984

BÓIAS-FRIAS

VIDAS AMARGAS

Quem são — e como vivem — esses milhares de criaturas que ajudam o país a produzir riquezas e no entanto são tão infelizes? Agora, depois da greve e do acordo, a situação dessa gente poderá realmente melhorar?

Sidnei tem apenas sete anos. Franzino, voz fraca, ainda tímido, subiu pela primeira vez num caminhão que transporta bóia-fria no dia 19, trocando a primeira série do primeiro grau pelo corte de cana nas terras da Usina Santa Adélia, no Município de Pitangueiras, São Paulo. Ainda estava escuro quando saiu para o seu primeiro trabalho, acompanhando a mãe e dois irmãos. Aconteceu um dia após o acordo celebrado entre produtores e trabalhadores rurais, marcando a trégua temporária nos canaviais e plantações de laranja da região de Ribeirão Preto, após quatro dias de paralisação, saques e tumultos, quando um trabalhador aposentado morreu, atingido por uma bala na cabeça, e 53 pessoas ficaram feridas no confronto com a Polícia Militar.

A revolta dos bóias-frias, como ficou conhecido o movimento por melhores condições de trabalho e salário-tarefa, começou no dia 15, em Guariba, propagou-se por toda a região, contagiou os apanhadores de laranja, que aderiram à greve, levou tensão e medo a várias cidades do interior e revelou ao país as duríssimas condições de vida e de trabalho de 150 mil bóias-frias. "O movimento dos trabalhadores significou a ida dos volantes para a mesa de negociação", afirmou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, Benedito Magalhães. "Já não há mais jeito de os canaviais esconderem a vergonha e as condições subumanas desses trabalhadores do Brasil."

O levante ocorreu na região responsável pela maior produção de álcool do país, que responde por cerca de 37,4% da produção de São Paulo — 1,936 bilhão de litros —, obtida em 510.900 hectares de cana, dos 1.390.000 hectares plantados em todo o Estado, segundo dados do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Uma região onde se concentra também a maior produção de laranja do Brasil, cuja safra estimada para este ano é de 170 milhões de caixas para a industrialização (suco destinado à exportação), num momento em que a geada abateu os laranjais da Flórida, nos Estados Unidos, e 20 milhões de caixas para o mercado interno, em fruta.

A mãe de Sidnei ainda tentou convencer o filho de que o melhor seria ele prosseguir os estudos, apontando a esperança de que, um dia, "tenha um emprego garantido". Mas ela sabia que o conselho seria inútil: com o salário-tarefa do filho, melhoram as condições da família. E o pequeno passou a engrossar a fileira de cortadores de cana, que ganhavam 60 mil cruzeiros mensais e que, com o acordo, entre outras vantagens, passarão a receber, em média, 200 mil cruzeiros por mês, dependendo do volume de toneladas cortadas diariamente. Outros meninos, como Sidnei, engrossarão os exércitos de apanhadores de laranja, que também iram atendidas diversas reivindicações: ganharão 210 cruzeiros por caixa colhida ao contrário dos 100 cruzeiros fixados no início dessa safra.

Sem surpresas — A violência do movimento dos trabalhadores não surpreendeu a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado de São Paulo que, em abril passado, durante o 2º Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias do Açúcar, alertava para a possibilidade de manifestações mais agressivas dos volantes, diante das condições de trabalho e de salários. E naquela ocasião advertia: "O bóia-fria, fora de dúvida, constitui uma

anormalidade que não pode ser legitimada só para permitir que as empresas tenham uma reserva de mão-de-obra fácil e barata, ainda que os trabalhadores fiquem à margem da legislação trabalhista e previdenciária, expostos a toda sorte de riscos, inclusive no transporte até os locais de trabalho".

A Federação apontava como solução parcial para os problemas sociais do bóia-fria que as usinas de açúcar, "como qualquer empresa que dependa de mão-de-obra para atingir suas finalidades, necessariamente devem em pregar trabalhadores em caráter permanente, assegurando-lhes os direitos estabelecidos nas leis trabalhistas e previdenciárias".

Com olhos e ouvidos — Mas quem é, afinal, esse bóia-fria que andou em todas as manchetes de jornais, assustou populações, enfrentou a polícia armado apenas com seus instrumentos agrícolas ou só com laranjas, atiradas com veemência e usadas contra bombas de gás lacrimogêneo? O bóia-fria da região de Ribeirão Preto ainda é considerado um privilegiado, em termos de salário, em relação aos demais espalhados pelo Brasil. Mas essa vantagem aos poucos se tem desfeito, devido à expansão da cana e da laranja — as principais fontes de trabalho durante sete meses por ano — e ao aumento do número de pessoas que deixam a zona rural em busca de melhores condições na cidade. Não as encontrando, permanecem na periferia dos municípios e, sem qualquer especialização, andam em busca de trabalho temporário, como volantes, achando-o no período de safra de cana e laranja.

Os bóias-frias que se revoltaram na semana passada são de segunda geração, jovens entre catorze e 25 anos, que vivem na zona urbana das cidades no interior do Estado, mas trabalham na zona rural. Não possuem mais o apego à terra demonstrado ainda por seus pais, porque nunca viveram num pedaço de terra que fosse da família. São jovens da estrada, que deixaram a escola pelo trabalho, não são aceitos no campo e acabaram marginalizados pela cidade. "Eles têm ouvidos e olhos, são analfabetos e pobres, mas sabem o que está acontecendo no Brasil. Assistem à televisão, ouvem rádio e sofrem da mesma forma que os de mais quando enfrentam a mesma miséria. Por que agiriam de maneira diferente?", pergunta o padre Domingos Bragheto, pároco de Dourado, apontado como líder do movimento dos bóias-frias de Guariba.

Estudos realizados pelo Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, indicam que o bóia-fria da região perdeu um quarto de sua capacidade física, comparado com o trabalhador rural que mora em fazenda. Ele é mais fraco que o homem da cidade, devido à desnutrição, doença mais diagnosticada entre eles. Os estudos mostram ainda que, quando bem alimentado, readquire a força física e disposição para o trabalho; e que tem carência de vitaminas, proteínas e minerais, obtendo as calorias necessárias nas bebidas alcoólicas — pinga e cerveja —, responsáveis pelo aumento de casos de alcoolismo.

As pesquisas mostram também que os bóias-frias deixam sua casa antes do alvorecer, para enfrentar um dia de trabalho, apenas com uma xícara de café e um pedaço de pão; que a maioria almoça entre 9 e 10 horas, comendo uma mistura de arroz branco com macarrão, colorido com um débil molho de toma te, batata e, às vezes, feijão, acondicionada numa marmita fria, preparada na noite anterior ou pouco antes de sair para o trabalho.

Deus dá força — Joaquim Fernando de Oliveira, 56 anos, trabalha no campo desde os seis anos. Casado com Avelina, 45 anos, vive no município de Pitangueiras, a 280 km da capital paulista, numa pequena casa onde o único quarto se confunde com a cozinha. Paga 35 mil cruzeiros de aluguel. Tem 21 filhos, treze dos quais trabalham no corte de cana. Avelina acorda às 3 da manhã para preparar o almoço: arroz com macarrão e um pedaço de lingüiça uma vez por semana. Dorme todas as noites por volta das 23 horas. Fora do período da safra, a família

trabalha na roça, na capinagem, sempre ganhando por tarefa. "Deus dá força e a gente ajuda para poder viver", diz ele. "Se" o dinheiro não dá, então não se come..."

A partir deste mês e até outubro, entretanto, a família adquire, como todos os anos, novos hábitos. Viaja uma hora e meia todas as manhãs, entre 5 e 6 horas, na carroceria de caminhão, ao lado de outras famílias, formando um grupo de cinquenta a sessenta bóias-frias. "A gente sai limpo de casa, mas, quando volta, carrega a sujeira que o diabo não pediu", diz Avelina, bem-humorada, ao repórter Paulo Sérgio Scarpa. Eles são contratados pelo "gato" ou "turmeiro" para o período da safra e retornam a casa por volta das 18 horas, com a expressão cansada e o corpo escurecido pelo carvão liberado pela queima da cana — processo que facilita a poda com o facão (bordão) e evita cortes nas mãos, braços e rosto provocados pela palha da cana.

Um "gato" recebe das usinas 330 cruzeiros por tonelada de cana cortada por dia pelos bóias-frias e tem a obrigação de entregar, ao final do dia, 350 toneladas, recebendo 115 mil cruzeiros por dia. Um "puxador", aquele que possui os caminhões para o transporte da cana para as usinas, recebe, decidido em contrato, 10 mil cruzeiros por tonelada entregue. Cada caminhão transporta, em média, 35 toneladas de cana cortada.

Para o velho Joaquim, o acordo celebrado entre produtores e trabalhadores rurais não vai resolver muita coisa. "Não adianta aumentar o salário-tarefa se o custo de vida cresce muito mais", diz ele, tomando por base a alta progressiva dos preços dos alimentos. "Não adianta a gente ganhar 200 mil por mês se, no final, a gente fica devendo 60 mil." Ele só não aceita o fato de dizerem que os trabalhadores rurais estão sendo liderados por padres e políticos. "Nunca vi padre por aqui, nem mesmo político, a não ser para conseguir votos. Se houve gente gritando, quebrando coisas, é por que a coisa está preta, não está dando mais para cuidar da família."

Em busca de lideranças — A revolta dos bóias-frias provocou uma série de acusações entre políticos, religiosos e membros de entidades voltadas para o trabalhador rural. "A fome foi o líder deste movimento", afirmou o prefeito de Guariba, Evandro Vitorino (PMDB), assustado com a depredação de dois prédios da Sabesp e com os tumultos na cidade, que terminaram com o saque ao supermercado local. Mas essa não foi a opinião do Governo do Estado, que, através do secretário do Governo, Roberto Gusmão, deu o recado: "Há infiltração de elementos estranhos no movimento". E passou a responsabilizar a "ganância dos usineiros, que puderam lucrar durante vinte anos com a situação" e a "irresponsabilidade de prefeitos da região, que não tiveram sensibilidade para avaliar o movimento".

Na quinta-feira, no entanto, setores do PMDB de Bebedouro acusavam a infiltração, no movimento dos trabalhadores rurais, de "pessoas de Diadema", ligadas ao Partido dos Trabalhadores, sem explicar que o partido já estava avisado, desde fevereiro deste ano, que os apanhadores de laranja reivindicavam o aumento do preço da caixa para 200 cruzeiros. Na verdade, a paralisação de mais de 10 mil bóias-frias na região de Ribeirão Preto ocorreu de uma hora para outra, sem comando por parte dos sindicatos rurais, ativistas, assembléias, panfletos ou qualquer outro tipo de mobilização. A colheita de laranja, por exemplo, só não foi interrompida totalmente porque as indústrias de suco passaram a recrutar trabalhadores volantes de cidades vizinhas.

No sábado, dia 19, um relatório elaborado pelas equipes especiais da Secretaria da Segurança Pública designadas para reforçar o esquema policial na região de Ribeirão Preto apontava que o movimento dos trabalhadores rurais vai alastrar-se por todo o Estado de São Paulo, alertando que a próxima região a ser envolvida será Piracicaba, onde os sindicatos e partidos políticos têm suas bases assentadas e com grande mobilização junto aos trabalhadores. O serviço reservado da Polícia Militar também concluiu seu relatório, para ser entregue ao

secretário da Segurança Pública, Michel Temer, informando que a revolta dos bóias-frias foi coordenada por elementos ligados à Pastoral da Terra e ao Partido dos Trabalhadores.

Os dois relatórios incluem volantes e panfletos distribuídos no fim da semana passada a bóias-frias em Guariba, Monte Alto, Monte Azul Paulista, Pitangueiras, Jaboticabal, Matão, Sertãozinho e Bebedouro, nos quais se dão "sinceros parabéns ao companheiro pela vitória conseguida", alertando ainda que "há mais para ser feito, isso é só o começo" e convocando os trabalhadores a também se concentrarem em seus sindicatos, para participar de reuniões.

Mas a diretoria da Sociedade de Produtores de Açúcar e de Alcool (Sopral) está tranqüila. Seu presidente recém-empossado, Cícero Junqueira Franco, declarou que as 114 empresas filiadas à entidade — distribuídas por todo o Centro-Sul do país — concordam em atender aos reclamos dos bóias-frias.

E o Governo terá a última palavra: o Ministério do Trabalho deverá manifestar-se sobre o documento que recebeu da Secretaria do Trabalho de São Paulo contendo subsídios para regulamentação da atividade do trabalhador volante.

(Páginas 109, 110, 111, 112 e 113)